

CORPOS E RESISTÊNCIA EM *MATA DOCE* E *A CASA DE 365 JANELAS*

BODIES AND RESISTANCES IN *MATA DOCE* AND *A CASA DE 365 JANELAS*

Aldinida MEDEIROS¹

Resumo: Os Estudos Culturais, as discussões sobre questões de gênero e a Crítica Feminista mudaram consideravelmente abordagens teóricas sobre as narrativas de ficção. A violência de gênero, que tem ressurgido, retomando conceitos machistas advindos do patriarcado, continua a gerar consequências físicas e psicológicas e mortes, principalmente a negros, pobres, indígenas e de outros grupos considerados minoritários. Com base nisso, voltamos nosso olhar para romancistas que, em sua escrita, redefinem o papel autoral, explorando temáticas que fazem repensar momentos históricos, espaços e memórias, aspectos os quais levam a novas dimensões e alargamento do cânone literário. O objetivo é analisar os romances *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, e *A casa de 365 janelas* (2020), de Deolinda Saraiva. Justificamos a escolha destes por trazerem personagens que representam resistências a sistemas opressores. Ao trabalharmos com estas narrativas de ficção e sua importância para a Literatura Afrobrasileira, trazemos a lume vozes que, durante séculos, foram silenciadas em corpos que sofreram diversas formas de opressão e preconceitos. Assim, por meio da arte literária, discutimos práticas e condicionamentos que perpetuaram violências a diversas comunidades subalternizadas. São narrativas a partir das quais se pode refletir sobre um longo período de escravização-escravidão do povo negro, em que se negou vez e voz a esse povo. Logo, observar os corpos femininos e a resistência destes leva-nos a trazer para a cena esta escrita contemporânea em que se permitem vez e voz aos sujeitos.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; corpo; resistências; violência; Mata doce; A casa de 365 janelas.

Abstract: Cultural studies, discussions on gender issues, and feminist criticism have considerably changed theoretical approaches to fictional narratives. Gender-based violence, which has resurfaced, resuming sexist concepts arising from patriarchy, continues to generate physical and psychological consequences and deaths, especially for black, poor, indigenous people and other groups considered minorities. Based on this, we turn our attention to novelists who, in their writing, redefine the authorial role, exploring themes that make us rethink historical moments, spaces, and memories, aspects that lead to new dimensions and expansion of the literary canon. The objective is to analyze the novels *Mata Doce* (2023), by Luciany Aparecida, and *A casa de 365 janelas* (2020), by Deolinda Saraiva. We justify the choice of these because they bring characters who represent resistance to oppressive systems. By working with these fictional narratives and their importance for Afro-Brazilian Literature, we bring to

¹ Doutora em Literatura Comparada. Universidade Estadual da Paraíba. aldinida@servidor.uepb.edu.br.

light voices that, for centuries, were silenced in bodies that suffered various forms of oppression and prejudice. Thus, through literary art, we discuss practices and conditions that perpetuate violence against various subordinated communities. These are narratives from which one can reflect on a long period of enslavement-slavery of black people, in which these people were denied their time and voice. Therefore, observing female bodies and their resistance leads us to bring to the scene this contemporary writing in which subjects are given voice.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Body. Resistances. Violence. *Mata doce*. *A casa de 365 janelas*.

Introdução

Todavia, o momento presente propicia “e exige” a articulação da etnicidade com o gênero, a partir mesmo de uma compreensão da diferença cultural que os particulariza frente aos padrões hegemônicos, e dos condicionantes históricos que relegaram ambos os segmentos à submissão, apesar de em níveis distintos.

(Eduardo de Assis Duarte)

Há muito tempo falamos sobre mulheres, escrevemos sobre mulheres, mas as discussões e a importância deste tema ainda se fazem muito, aliás imensamente, necessárias. A violência de gênero que tem ressurgido, oriunda de velhos elementos, como o conservadorismo e a ortodoxia do patriarcado, continua a trazer consequências físicas e psicológicas, quando não mortes, como praga que ceifa frutos em campo fértil.

Com base nisso, voltamos nosso olhar para romancistas que redefinem o papel autoral, conhecedoras que são da importância de redimensionar novos espaços no cânone literário e fazer ecoar vozes que foram, durante séculos, silenciadas em corpos que sofreram opressões e preconceitos de diversas ordens. Nesse sentido, escolhemos os romances *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, e *A casa de 365 janelas* (2020), de Deolinda Saraiva, por trazerem personagens com corpos que se tornam resistência a sistemas opressores. São narrativas em que se pode refletir sobre a opressão em mentes e em corpos gerada por um longo período de escravização-escravidão do povo negro, negando vez e voz a esse povo.

Mata doce é um romance que traz um amálgama de temas. Buscamos realizar uma leitura de algumas de suas figuras femininas, lendo a mulher como força e resistência contra as diversas formas de opressão impostas pelo poder econômico e pelo patriarcado, como a violência sexual, física e psicológica. Em relação psicológica, evidenciaremos a luta, e a força das mulheres negras, sobremaneira de Maria Teresa, que se rebatiza, (re)inventa-se e, assim, dá voz e visibilidade a outras figuras do lugar daquele quilombo. O interior é árido, a vida é severa, mas a mata é doce.

Trata-se do primeiro romance que Luciany Aparecida assina com seu nome próprio, embora seja uma autora já com outros livros publicados. O livro conta a história de Maria Teresa, filha adotada e muito querida por Tuninha e Mariinha; estas duas, representações de corpos insubmissos ao sistema heteronormativo. Elas vivem num casarão antigo, cheio de histórias de seus antepassados - também corpos resistentes ao sistema patriarcal e escravagista -, de frente para um grande lajedo. A permear e perfumar a vida de Maria Teresa, corre, peitoril abaixo, um roseiral, apenas com rosas brancas, que lemos como a raiz plantada na terra por Eustáquia da Vazante, avó de Mariinha, quando chegou ao lajedo, fungindo da escravidão e iniciou ali o povoado.

No enredo, personagens que formam aquela comunidade e se relacionam dentro do universo: Mané da Gaita, músico e vendedor de doce, muito amigo de Tuninha e Mariinha; e sua cadela Chula; Lai, ex-prostituta e madrinha de Maria Teresa; os gêmeos Antônio e Cícero; o dono da venda; Toni de Maximiliana, um vaqueiro matador de gado, filho da sacerdotisa Mãe Maximiliana dos Santos; e Zezito, único filho homem de Luzia (chamada a Juíza dos Sales, por todos do lugar), e por quem Maria Teresa se apaixona. É com o casamento entre ela e Zezito que a tragédia se dá. A partir desta tragédia, transforma-se a doce menina Maria Teresa em Filinha Mata-boi, uma das mulheres mais valentes da região.

A mulher negra, desde Eustáquia da Vazante, passa representar corpos resistentes e insurgentes à escravidão. Temos, a partir dessa figura, o universo afrodescendente em *Mata doce*. Esta mais uma obra que se soma aos romances da Literatura Afrobrasileira. A comunidade de Mata Doce é, conforme se pode observar, um espaço de resistência dos corpos e das vozes de mulheres negras, mulheres marginalizadas. É um lugar de visibilidades, de representações do sujeito feminino negro que encontra espaço na literatura afro-brasileira. São narrativas em que o sujeito negro adquire o protagonismo que o passado colonial e escravagista lhe negou, não apenas no discurso, mas também

na ação. Embora mantenha tradições católicas, pois, de certo modo estas tradições eram uma forma de proteção política da Igreja, o quilombo formado por Eustáquia da Vazante tem orientação espiritual na Casa de *Oió*, espaçoso qual a religião do negro pode ser livremente praticada.

No plano do espaço físico, o casarão é o centro, onde no presente da narrativa vive sozinha Filinha Mata-boi. Ali, no passado viveram ela, quando a chamavam Maria Teresa e suas mães. Logo, este casarão torna-se uma representação do centro de força de Mata Doce. A colhimento, a liderança, a interação de vidas em forma de trocas afetivas e ajudas são elementos desta força que o casarão emana.

Por todos estes aspectos, o dialogismo de vozes narrativas traz à baila um jogo polifônico. Apesar de se iniciar em terceira pessoa, passa ao discurso de primeira pessoa no quinto capítulo da segunda parte, intitulado “Máquina de escrever”, cuja Maria Teresa começa a narrar. A partir de então, segue-se em alternância de foco narrativo. Passa-se então às cartas escritas por Maria Teresa. Ela além de ler escrever, sabia dactilografar, visto que suas mães providenciaram para que ela tivesse esta habilidade, a fim de lhe proporcionar melhores condições de trabalho.

É interessante lembrar que esse é, como já dito, o primeiro romance que Luciany Aparecida assina enquanto autora. Suas palavras definem a compreensão do seu projeto autoral, denominado por ela como assinatura estética. Antes, assinava com o nome Ruth Ducaso. Ela explica esta opção como ressalta que faz parte de um projeto literário. Em suas palavras:

Ruth Ducaso é um pseudônimo? Não. Geralmente, o pseudônimo é usado para ocultar o nome da autoria e eu não inventei Ruth Ducaso para ocultar meu nome, mas para que ela exista. É um heterônimo? Não. Ruth Ducaso não existe como pessoa. Mas como um projeto estético-político para tratar narrativas contemporâneas a partir de um determinado modo. Assim, o que posso dizer é que Ruth Ducaso é uma **assinatura estética** com a qual escrevo prosa (conto, novela, romance) em aproximações com a poesia. [...] escrevo com essa autora tocando em dores coloniais, alargando ainda mais feridas. Então, o que assino com Ruth Ducaso é costumeiramente lido como duro, vulgar, impróprio, violento, adjetivos que cabem tão bem para descrevermos o que foi o processo de colonização e mesmo essa saturada herança estrutural que nos comove e mata e violenta ainda hoje (Aparecida apud Gomes, 2021).

A ênfase é para conscientizar o leitor de os seus propósitos autorais. Nesse sentido, percebemos uma consciência muito presente marcante para o trato de questões ligadas ao processo de colonização. Nascida em 1982, no Vale do Rio Jiquiriçá, Luciany Aparecida tem doutorado em Letras e pesquisas nas áreas de nação, imigração, memória e identidades. Com a assinatura Ruth Ducaso, publicou os livros *Contos ordinários de melancolia* e *Florim* (novela).

Voltando ao romance, nos diversos momentos entre os tempos passado e presente, aparecem no enredo questões sociais, culturais, políticas e históricas. A narrativa está permeada de situações contextos que, vivenciados por personagens ficcionais, que denunciam diversas formas de demarcam os símbolos da violência: física, psicológica e, também, ideológica no cotidiano do povo negro, especificamente da mulher negra.

Como afirma Camile Gomes:

É com essa perspectiva de tocar dores coloniais que *Mata Doce* se organiza. Por meio de referências à religiosidade, à textura do cabelo e à cor da pele, fica explícito que todas as personagens são negras, exceto o coronel Gerônimo Amâncio – a personificação da herança estrutural que mata e violenta. Devido a uma disputa de terras, que se arrasta há anos, Amâncio assassina Zezito, único filho homem de Luzia, a juíza dos Sales (Gomes, 2021).

A disputa de terras levou o coronel Amancio a assassinar Zezito, seu filho. Ele desconhece esta paternidade, pois, tempos antes, numa ofensiva ao casal Sales, o coronel estuprara Luzia. O segredo sobre Zezito foi guardado; ele, assim com todos os outros habitantes do lugar, não o sabiam filho biológico do coronel. Assim, Luzia é também uma voz e um corpo resistente em Mata Doce. Conhecida pelos da região como a juíza dos Sales, trata dos documentos e papeladas do povo da comunidade. Por suas ações, ela dava visibilidade aos que nem possuíam tiveram existência registrada em cartório. Não à toa, seu nome é Luzia, simbologia de luz aos olhos, a que dá luz, que faz enxergar, ou seja, naquele lugar desfavorecido socialmente; ela que faz ser vista e ter existência aquele povo marcado pela cor da pele e pela vida pobre que lhes foi imposta a gente de Mata doce.

O assassinato de Zezito muda a vida de Maria Teresa. A partir dessa mudança, ela se reveste de força para seguir e por meio de sua história de vida que passamos a conhecer a dos demais.

Mulheres e memórias n'*A casa de 365 janelas*

A segunda obra escolhida, *A casa de 365 janelas*, da autoria de Deo Saraiva, é também sobre um lugar e as vidas que ali habitaram. Trata-se da história da Fazenda Amoreiras, que é uma representação, na ficção, da Fazenda Santa Clara, situada no município de Santa Rita do Jacutinga. No romance histórico, a retomada do passado colonial permite-nos conhecer muitos aspectos do período em que o colonialismo era prática vigente e que dizimou, de forma grotesca e impiedosa, populações de outros continentes – notadamente a África e a América do Sul. A autora, por sua vez, reflete acerca da visão de seu tempo, sem se desligar do passado que lhe cedeu a matéria viva.

A voz narrativa traz o retrato do que foi a escravidão, justamente por mostrar, detalhadamente, as condições de vida do povo escravizado. Neste espaço de opressão, a senzala se faz resistência e os corpos negros precisam, para sobreviver, tornarem-se insubmissos, ainda que sob forte repressão. O ambiente era insalubre em todos os aspectos, como descreve a narradora:

A senzala que acomodava os homens era pequena, suficiente para que dormissem até 50 escravos enfileirados lado a lado no chão de barro. Ficava a 50 metros da casa, com 12 metros de extensão por seis de largura. O telhado era baixo, a cobertura era em bambu com palhas e folhas de palmeiras trançadas e a estrutura construída também em taipa com troncos de árvores. A ventilação fora feita por pequenas aberturas retangulares com grades de troncos grossos de madeira com 20 centímetros de altura (Saraiva, 2020, p. 13).

A protagonista Noêmia tem um propósito: preservar a memória de seus antepassados. Nesse aspecto, ela se torna uma voz da memória, assim Filinha Mata-boi, da obra *Mata doce*. Ao longo do enredo romanesco, as condições de vida dos escravizados vão sendo mostradas por meio de ações e rememorações que Noêmia se propõe a fazer e ter. Portanto, ainda que de modo indireto, temos, neste excerto, a

memória da personagem que vai buscar outra memória; isto é, a memória mais longínqua, para não deixar que esqueçamos o quão terrível foi o período escravocrata:

Quando os escravos se recolhiam após a última refeição, antes de o sol se pôr, uma porta de madeira pesada com tramela por fora era cerrada pelo capataz para garantir que nenhum escapasse. A senzala das mulheres era uma casa de 30 metros quadrados que ficava no lado oposto, também de pé direito baixo, construída da mesma forma para evitar fugas (Saraiva, 2020, p. 13).

Pensamos, assim, como afirma Maurice Halbwachs, que a memória é, “em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores” (Halbwachs, 1990, p. 71). Ele afirma, também, como a lembrança é considerada como reconstruções, visto que “é de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (Halbwachs, 1990, p. 71). Dessa maneira, podemos interpretar a alteração realizada nas memórias de outrora como o olhar do presente sobre elas, visto que, por meio desse ato, é possível condenar as violências sofridas de tempos passados e possibilitar a reflexão e a crítica para que não mais se repitam. Assim, a memória é um elemento importante para a humanidade porque ela se torna matéria de continuidade da história, ao trazer e permitir passado ser lido pelas lentes do presente: “é aquilo que remanesce de uma época para outra e tem força de criar de novo toda uma cultura, toda uma obra” (Moreira, 2007, p. 41) – ou seja, os fatos da história existirão para o futuro graças à memória.

Conhecemos, por meio da narrativa de Deo Saraiva, a história de Teresiano, com um olhar diferente que vai nos trazer novas reflexões e possibilitar criar uma nova forma de olhar e criticar o passado e as práticas escravistas do Brasil colonial. Na obra, o fazendeiro ocupa seu lugar colonialista:

No ano de 1824 o seu filho Francisco Tereziano Fortes de Bustamante foi agraciado pelo governo imperial com uma sesmaria de terras, onde montou a fazenda Santa Clara, concluída em 1856. A fazenda foi deixada, com sua morte, para a viúva Maria Tereza de Souza Fortes, Viscondessa de Monte Verde (Bustamantes, s.d., s.p.).

E, por isso, o passado ficcionalizado nos traz uma fazenda Amoreiras e um outro Teresiano. Isto é, à casa da Fazenda Santa Clara é possível aplicar o contrato mimético da ficção. Apesar de se pautar nesta personagem histórica, *A casa de 365 janelas* (2020) traz outras personagens que consideramos importantes e referenciais para a trama. Dessa forma, justificamos este pensamento evocando o estatuto da personagem referencial para melhor as situar.

No romance, ficamos a conhecer como era utilizado, pelo Comendador, o estratagema econômico da reprodução e venda de escravizados:

Em 1807, a Inglaterra proibira o tráfico negreiro para suas terras, e Teresiano previa que o movimento se espalharia para outros países europeus. Visionário e uma raposa em negócios, apesar de poucos estudos, sabia que, em menos de 20 anos, seria quase impossível trazer escravos da África. A reprodução era outra mina de ouro, pensava, pois geraria mão de obra para ele e outras fazendas com custos muito menores. As negociações para a compra de escravos eram demoradas e caras; os navios levavam ouro, mercadorias e armas para os países africanos e, em troca, voltavam com o plantel adquirido. Era necessário calcular, como o Barão comentava, a margem de “perda do produto” no caminho. Quase 15% dos escravos morriam no trajeto, por viajarem amontoados nos porões abafados, por carência de água ou de alimento, às vezes por tudo isso junto (Saraiva, 2020, p. 23).

O ardil, utilizado por aquele que detinham o poder, evidencia as práticas desumanas realizadas, no homem de negócios e no *modus operandi* do colonialismo. No conjunto, mostrar tais ações destaca não somente o sistema dominante, mas evidencia a situação dos dominados; possibilitando valorizar e preservar mais vivamente a identidade de um povo ao qual a História marginalizou, silenciou e maltratou.

Ademais, vale lembrar que os feitos dos dominantes sempre, ou na maioria das vezes, foram exaltados, e foram tratados como heróis nos registros históricos. Situação essa que a literatura consegue reverter, por meio do romance histórico contemporâneo, ou da metaficção historiográfica (Hutcheon, 1991); pois narrar é sobreviver através da memória: “Quase 15% dos escravos morriam no trajeto, por viajarem amontoados nos porões abafados, por carência de água ou de alimento, às vezes por tudo isso junto” (Saraiva, 2020, p. 23).

Diara e Trepá Muleque, por exemplo, são personagens ficcionais, sem comprovação de existência histórica, assim como Maria Teresa e as personagens de *Mata Doce*. Elas são corpo em resistência, são vozes insurgentes. Diara, por exemplo, traz grande relevância já na primeira metade do enredo romanesco, pois acompanha a vida de Teresiano e de seu filho, Estevão. Ela conseguia se fazer presente na vida dos escravos, orientava e ajudava muitas mulheres escravizadas a não engravidarem dos patrões e capatazes, quando estas sofriam estupros:

Diara, mãe de santo e recebedora das forças ancestrais que visitavam o terreiro, concentrava-se em invocações: que a natureza fosse piedosa e negasse o nascimento de qualquer outra rainha naquela fazenda; que nenhuma mulher fosse mais submetida a separação de seus filhos: e que todo o sofrimento por que passavam os escravos ficasse marcado para sempre entre as gerações dos donos da casa grande (Saraiva, 2020, p. 31).

Outra presença também importante na trama é Trepá Muleque. Ela lidera uma greve silenciosa, porém, muito significativa, das escravas parideiras que atrapalham um dos negócios de sustentação da fazenda: a reprodução de escravizados para venda:

Quem estava por trás da rebelião agora das parideiras agora, no entanto, era Trepá Muleque, a nega jovem mais atrevida e todas [...] Trabalhava com Diara na cozinha, com quem viera ainda menina de São João DelRey (Saraiva, 2020, p. 31).

A atitude da escrava deixa o patrão furioso, sobretudo por ele não saber quem incentivava as parideiras a não garagem. Trepá Muleque tinha esperteza para sobressair-se além da maldade e das mãos de ferro de Teresiano.

Diara, Trepá Moleque e outras personagens que vivem na fazenda, embora tendo suas vozes e corpos subjugados e subalternizados, pela opressão do sistema econômico e social, rebelam-se, tornam-se figuras que lutam com suas armas, com os meios disponíveis, para quebrar de vez esse vínculo com a subalternidade recaída sobre elas. São mulheres e são negras, dupla opressão, que requerem, portanto, uma resistência heróica, como é apresentado na narrativa para os leitores.

A voz narrativa mostra como era utilizado, pelo Comendador, o estratagema econômico da reprodução e venda de escravizados:

Em 1807, a Inglaterra proibira o tráfico negreiro para suas terras, e Teresiano previa que o movimento se espalharia para outros países europeus. Visionário e uma raposa em negócios, apesar de poucos estudos, sabia que, em menos de 20 anos, seria quase impossível trazer escravos da África. A reprodução era outra mina de ouro, pensava, pois geraria mão de obra para ele e outras fazendas com custos muito menores. As negociações para a compra de escravos eram demoradas e caras; os navios levavam ouro, mercadorias e armas para os países africanos e, em troca, voltavam com o plantel adquirido. Era necessário calcular, como o Barão comentava, a margem de “perda do produto” no caminho. Quase 15% dos escravos morriam no trajeto, por viajarem amontoados nos porões abafados, por carência de água ou de alimento, às vezes por tudo isso junto (Saraiva, 2020, p. 23).

Ao final da história, antes de o narrador voltar para o tempo presente da narrativa, cujo enfoque se volta para as ações de Noêmia – para tentar resolver o problema da herança, envolvendo o condomínio e diversos os herdeiros da Fazenda Amoreiras –, é apresentado ao leitor a finalização da narrativa dos tempos passados, de Teresiano e de Estevão; mostra o declínio da fazenda, que termina sendo hipotecada; além da morte da Viscondessa Maria Francisca; a internação de Deodora em um hospício; e, de forma significativa, a morte de Diara, que termina seus dias como dona da Fazenda.

Considerações finais

A literatura, por meio das narrativas de ficção, possibilita uma gama de conhecimentos sobre o tema. Discutir as representações da mulher, a autoria feminina e os lugares da mulher negra na representações literárias é, ainda, um caminho para reflexões que tragam mudanças e possam ajudar a conter o avanço de preconceitos e objetificação dos corpos femininos. Com isso, esperamos que as discussões tragam embasamentos diversos. Além disso, ressaltamos também um grande avanço em torno da condição da mulher leitora e escritora, sendo uma quebra de paradigmas que condicionava a mulher ao silenciamento e impedindo o seu desenvolvimento intelectual.

Observamos, portanto, que as duas romancistas, Luciany Aparecida e Deo Saraiva, ressaltam a afro-brasilidade da mulher, corpos em luta, em resistência, em

busca de voz, construindo, portanto, uma memória coletiva. Em outras palavras, e finalizando, as narrativas são registros que preservam diversas formas de memória. Neste aspecto, cada romancista corrobora a importância da memória, por meio da narrativa ficcional histórica, na medida em que “põe o dedo na ferida social da escravidão”, expressão figurada nossa – para mostrar práticas que hoje necessitam de reparações sociais. Além disso, elas são figuras que possivelmente existiram, mas não são figuras com comprovação por documentos históricos.

Referências

APARECIDA, Luciany. **Mata doce**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2023.

APARECIDA, Luciany. **Entrevista ao jornal Estado de Minas**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/10/28/interna_pensar,1583289/autora-d-e-mata-doce-o-brasil-esta-fazendo-analise](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/10/28/interna_pensar,1583289/autora-d-e-mata-doce-o-brasil-esta-fazendo-analise.html). html. 2023. Acesso em 21 nov. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência. In: **Revista Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoEduardo3literaturaeafrodescendencia.pdf>. Acesso em 12 nov. 2023.

GOMES, Camile Loyane. Uma força descomunal: a escrita da resistência em Matadoce. **Revista Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 55, jun, 2024. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1846-luciany-aparecida-mata-doce>. Acesso em 11 nov. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984/556>. Acesso em 11 nov. 2023.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso

em 04 jul. 2024.

MEDEIROS, Aldinida. A casa de 365 janelas: indenidade, questões de gênero e feminismo negro. Comunicação para os **Anais do I Seminário Nacional do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/91889>. Acesso em 12/12/2023.

MEDEIROS, Aldinida. Vozes e ressonâncias, resistência e resíduo no Romance Histórico Contemporâneo: A Casa de 365 Janelas. **Revista Letras Escreve**, v. 14, p. 35-44, 2024.

MOREIRA, Rubenita Alves. **Dos mitos à picaresca**: uma caminhada residual pelo Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, 2007.

POLESSO, Natália Borges. Nos rastros de Ruth Ducaso: linguagem e liberdade nos livros de Luciany Aparecida. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 30, p. 14–35, 2022. [DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2022.201756](https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2022.201756). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/201756>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SARAIVA, Deo. **A casa de 365 janelas**. 2. ed. Rio de Janeiro. Valença: Edição da Autora, 2020.

SOUTO, Stéfane. **Aquilombar-se**: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Metamorfose*, v. 4, n. 4, p. 133-144, jun. 2020.

VIEIRA, Cristina da Costa. **A construção da personagem romanesca**: processos definidores. Lisboa: Colibri, 2008.